
ECOLOGIA

Edgard Parada Encinas Rabaza

**Um panorama sobre o que é Educação Ambiental
no Brasil: reflexões que transcendem o âmbito
biológico.**



Rio Claro - SP
2025

Edgard Parada Encinas Rabaza

Um panorama sobre o que é Educação Ambiental no Brasil: reflexões
que transcendem o âmbito biológico.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, para obtenção do grau de Ecólogo.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Caires Correia

Rio Claro - SP
2025

R113p

Rabaza, Edgard Parada Encinas

Um panorama sobre o que é Educação Ambiental no Brasil: reflexões que transcendem o âmbito biológico. / Edgard Parada Encinas Rabaza. -- Rio Claro, 2025

21 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ecologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: Fábio Caires Correia

1. Educação Ambiental. 2. Educação Política. 3. Ecologia. I. Título.

Edgard Parada Encinas Rabaza

**Um panorama sobre o que é Educação Ambiental no Brasil:
reflexões que transcendem o âmbito biológico.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Ecólogo.


BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fábio Caires Correia


Prof. Dr. Maria Eliza Nogueira Oliveira

Prof. Dr. Rinaldo Corrêa

Aprovado em: 05 de Junho de 2025

Documento assinado digitalmente
 EDGARD PARADA ENCINAS RABAZA
Data: 25/06/2025 13:54:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do discente

Documento assinado digitalmente
 FABIO CAIRES CORREIA
Data: 25/06/2025 11:08:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, em especial os meus pais, Julio Cesar e Maristella, e meus irmãos Matheus e Enzo. Obrigado por todo amor e carinho, sem isso nada seria possível. A jornada foi longa e tempestuosa, mas sempre encontrei refúgio nos nossos encontros e momentos.

Em segundo lugar agradeço à maior instituição estudantil de Rio Claro, a República Fossa, que foi minha casa por maravilhosos 5 anos, e me proporcionou vivências e laços que levarei para o resto da vida. Satisfação tremenda em poder fazer parte dessa história e ter compartilhado momentos com pessoas que hoje são indispensáveis. Representação viva de uma família constituída e moldada com muita união e parcimônia.

Ao meu orientador, Fábio Caires, por toda paciência, ajuda e compreensão, fazendo com que minhas ideias se materializassem e tornassem realidade. Se hoje ainda sonho com um futuro na vida acadêmica, tenho ele como uma grande referência nesse trajeto.

Ao meu amigo e veterano, Bruno Dedê, por ter me apontado o caminho quando eu era apenas um graduando do curso de Educação Física, meu primeiro curso de formação. Foi a partir dele que a Ecologia veio à luz e eu pude vislumbrar um futuro para o que desejava.

A todos da Atos Jiu-Jitsu de Rio Claro, e ao meu professor Leandro Brassoloto, por ter sido um exemplo dentro e fora dos tatames. Ali eu aprendi a ter forças pra me reerguer e me reconstruir. Nos momentos mais tempestuosos sempre tive mãos estendidas, e um lugar pra poder chamar de casa, também.

Por fim, dedico à Ecologia, em especial à minha turma, de 2018, mas também ao passado, presente e futuro. Que nunca falte pelo que lutar, e que a regulamentação da nossa querida profissão seja o primeiro passo para voos mais altos.

RESUMO

Ao falar sobre educação ambiental, naturalmente direcionamos nossos olhares a uma perspectiva sustentável, de conservação, associada a princípios única e exclusivamente biológicos. Com o passar dos anos, houve uma maior procura por atividades que serviam como fuga do meio em que estamos inseridos, associado, por muitas vezes, à rotina estressante da vida urbana. Sabe-se que hoje, também, o exercício de contemplar a natureza e o meio ambiente, é extrapolar tal perspectiva, uma vez que permeia reflexões de caráter político e social. Por meio de uma revisão literária, foi realizada uma busca sobre as diferentes características que concernem a conceitos básicos que definem o que é educação ambiental e as diversas maneiras de explorá-la. Espera-se que o compilado dessas informações sirva como ferramenta para uma maior compreensão de como desenvolver trabalhos e discussões sobre educação ambiental, uma vez que suas construções são influenciadas pela criatividade e espontaneidade do meio em que ela é disseminada, faz-se necessário o embasamento crítico de diferentes âmbitos para que não se perca o foco no todo: a visão crítica acerca do meio ambiente. Assim, o trabalho nos oferece diferentes caminhos que levam a apenas um: o equilíbrio entre todas as interações que aproximam a sociedade em que vivemos ao meio natural.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Educação Política; Ecologia.

ABSTRACT

When talking about environmental education, we naturally direct our attention to a sustainable perspective, focused on conservation and often exclusively associated with biological principles. Over the years, there has been a growing interest in activities that serve as an escape from the environment in which we are immersed - often linked to the stressful routines of urban life. Today, it is understood that the act of contemplating nature and the environment also goes beyond this perspective, as it involves political and social reflections. Through a literature review, a search was conducted to explore the different characteristics related to the basic concepts that define what environmental education is, and the various ways it can be approached. It is expected that the compilation of this information will serve as a tool to better understand how to develop work and discussions on environmental education. Since its construction is influenced by the creativity and spontaneity of the context in which it is shared, it is necessary to have critical foundations from different areas so that the broader focus is not lost: a critical view of the environment. Thus, this work offers different paths that all lead to one goal: achieving balance among all the interactions that connect the society we live in with the natural world.

Keywords: Environmental Education; Political Education; Ecology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	9
3. UM PANORAMA SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL.....	10
4. VIVÊNCIA E REALIDADE	11
5. HUMANIDADE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA	13
6. DISCUSSÃO	16
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

1. INTRODUÇÃO

Evidencia-se nas últimas décadas um constante estreitamento das atividades relacionadas à natureza e ao meio ambiente, relações estas que se dão por diversas atividades e nos mais variados âmbitos: político, econômico, social, esportivo (Marinho, 2001).

Vendida pela mídia como um bem de consumo e entretenimento, a redução do meio ambiente a uma mera simbologia utilitarista, resultado de anos de negligência de programas de desenvolvimento sugeridos pela sociedade e pautado, majoritariamente, em princípios econômicos, provocam reflexões acerca de qual significado a natureza tem recebido (Marinho, 2001; Reigota, 2010).

“A educação ambiental trata de uma mudança de paradigma que implica tanto uma revolução científica quanto política” (Sorrentino, 2005, p. 287).

É a partir daí que se percebe a necessidade de enxergar o meio ambiente sob uma ótica que extrapola o contexto biológico, sob os moldes educacionais e pedagógicos que firmam o exercício coletivo de cidadania, com a promoção do bem-comum de maneira digna (Reigota, 2010).

Dessa forma, a educação ambiental apresenta-se como educação política e enxergá-la dessa forma traz consigo bagagem freireana, uma vez que estimula a criatividade, o questionamento, inovações e, também, a crítica. Serve, assim, como ferramenta preparatória, que oferece aos cidadãos e cidadãs artifícios para a promoção e construção de uma sociedade autônoma quanto às relações sociais ou com a natureza (Reigota, 2010).

Entender a educação ambiental como educação política, busca mudar a relação entre o homem e a natureza, a qual é estimulada e exercitada desde cedo a uma perspectiva antropocentrista, que reflete diretamente nas relações entre seres humanos, assim como com o meio ambiente (Reigota, 2010).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada na elaboração do trabalho foi uma revisão bibliográfica, cujo objetivo é agrupar obras relacionadas a atividades que influenciam direta ou indiretamente questões voltadas ao caráter educacional das atividades que envolvem a natureza e o meio ambiente.

Por meio de uma análise qualitativa dos discursos de diversos autores da área, a metodologia selecionada possibilita observar e acessar caminhos trilhados pela academia com produções que auxiliam na produção de um conteúdo já pautado por outros cientistas, o que conecta o conhecimento já disponível com sua evolução e as possibilidades de desenvolvimento de trabalhos futuros (Brizola, 2017).

3. UM PANORAMA SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

O debate sobre educação ambiental já permeia a história do Brasil desde muito tempo, mas sua maior efervescência se deu a partir dos anos 60, período marcado pelas tensões pós 2ª Guerra Mundial e vivência da Guerra Fria. Em busca de reerguer-se, os países devastados pela guerra investem de maneira contundente na sua indústria, gerando impactos consideráveis ao meio ambiente. (Holmer, 2020)

Perante todos os diferentes percalços, medidas são tomadas com o intuito de que houvesse um maior debate ao que envolvia todo esse processo de retomada da economia mundial, a qual flertava com ações alarmantes para o bem-estar ambiental e humano. (Holmer, 2020)

No Brasil, em meados dos anos 70, auge do período ditatorial-tecnocrata brasileiro, a educação ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. (Sorrentino, et. al. 2005)

Apesar do obscurantismo gerado pelo regime autoritário que o país se encontrava, uma consciência ambiental crítica começa a tomar forma, de maneira proporcional ao que estava acontecendo com outros países, na mesma época. (Reigota, 2016)

Já nos anos 80 as políticas voltadas à conservação de bens ambientais tomam forma e é a partir daí que políticas públicas são viabilizadas, como por exemplo a Política Nacional do Meio Ambiente, criada em 1981, ao passo que nos anos 90, políticas setoriais também são fundamentadas, o que contribui para o surgimento da lei n. 9.795, de 1999, voltada para a Educação Ambiental. (Holmer, 2020)

Instituída em 27 de abril de 1999, a PNEA, ou Política Nacional de Educação Ambiental, foi regulamentada em 2002, durante o mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Seu principal objetivo era alavancar a proposta de Educação Ambiental em atividades formais e não formais, buscando educar e conscientizar a população, independente do nível de ensino, abrindo espaço para que fosse criado um senso crítico por meio do acesso ao conhecimento de informações ambientais. (Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA, 1999)

Após alguns anos, durante o mandato do presidente Jair Bolsonaro (2018-2022) as leis e medidas voltadas à preservação ambiental sofreram uma considerável flexibilização, uma vez que foram pouco abordadas em seu plano de governo, apenas no que dizia respeito à agricultura. Inclusive em diversos momentos, o próprio presidente considerou as medidas ambientais como entraves que deveriam ser solucionados com o intuito de serem submissos aos desejos econômicos da época. (Brzezinski, 2021)

Sob essa perspectiva, a pauta de sustentabilidade se tornou cada vez mais uma realidade utópica propagada pelas grandes indústrias, a relação homem e natureza foi sustentada por um caráter de troca, onde o progresso, por muitas vezes, implicava na natureza como provedora. Esta relação beneficiaria o homem com tudo que fosse necessário para o que era considerado desenvolvimento, corrompendo totalmente a noção do ser humano do que é natureza, e conseqüentemente, do meio que habita. (Sorrentino, et. al. 2005; Krenak, 2009)

4. VIVÊNCIA E REALIDADE

“O meio ambiente sadio constitui elemento indissociável da vida, melhor dizendo, é requisito indispensável da existência de qualquer forma de vida, dentre as quais, a vida humana.” (Coimbra, 2017, p.14)

Sob essa premissa, o artigo de número 225, que está em vigor desde 1988, considera que todos os cidadãos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, cuja manutenção é responsabilidade do Poder Público, ao defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. Foi esse dispositivo que abriu caminhos para que fosse instituída a PNEA, ou Política Nacional de Educação Ambiental. (Varella & Leuzinger, 2008)

Em entrevista ao Podcast “O Ambiente é o Meio”, o professor Marcos Sorrentino faz algumas considerações sobre a educação ambiental, onde considera mais importante um processo educacional comprometido com as mudanças sociais, ao invés de medidas redentoras que substituem o papel do estado na criação de políticas efetivas, considerando uma crueldade colocá-la nas escolas como disciplina curricular para que um professor seja responsável por toda essa tarefa de “mudar o mundo”.

Agudo (2020) em seu trabalho sobre a pedagogia do processo educacional baseada no materialismo histórico-dialético considera que:

Se a natureza da educação é constituir-se como um processo de desenvolvimento humano no sentido de desenvolver da forma mais plena possível sua relação com o mundo através de sua atividade vital, a especificidade da educação diz respeito às suas formas de realizar esse processo.

A educação ambiental deve oferecer ao educando a possibilidade de obter uma nova visão, onde ele é colocado como agente transformador, e não um mero espectador do mundo que o cerca, mas isso só é possível de maneira que ele consiga enxergar e refletir a partir de medidas mais palpáveis, ou seja, que façam parte do cotidiano do discente. (De Sousa, 2011)

Pela abordagem pedagógica histórico-crítica é possível que se realize os questionamentos necessários para um maior aprofundamento de práticas educativas ambientais na escola, bem como a disseminação de práticas transformadoras. (Agudo, 2020)

Por meio de práticas interdisciplinares, desde os primeiros anos na escola os futuros cidadãos devem ser incentivados a trabalhar sua relação com a natureza e o meio ambiente por meio de atividades que desenvolvam não só uma consciência com o meio natural, mas também com a sociedade e seus valores, de maneira sensível e que acompanhe o nível de desenvolvimento do indivíduo em questão. (De Sousa, 2011)

Reigota (2009, p. 63), faz o mesmo apontamento quanto ao conteúdo ministrado, ao sugerir o mesmo que De Sousa (2011): “o conteúdo mais indicado, é aquele originado do levantamento da problemática ambiental vivida cotidianamente pelos alunos e pelas alunas e que se queira resolver”.

Quanto à metodologia, Reigota (2009, p. 67) aborda a necessidade de questionar dados e ideias sobre uma temática, além de propôr soluções para lidar com elas, pois nesse ambiente de troca, o conhecimento é construído de maneira progressiva, envolvendo não só os alunos, mas também professores, professoras e familiares.

Pensando no contexto onde o aluno está inserido, definir meio-ambiente se torna uma tarefa que varia de acordo com a vivência de cada participante, sejam elas de caráter biológico, ético, cultural, sendo necessário que essas iniciativas se dialoguem, propagando a educação ambiental como uma educação política, mudando a perspectiva do olhar puramente biológico para tudo que envolve o meio-ambiente. (Reigota, 2009)

A educação ambiental como educação política faz com que as problemáticas ambientais sejam tratadas como fenômenos socioambientais, fazendo com que a dimensão pedagógica e política dialoguem por meio de atividades que incentivem a discussão de ideias e iniciativas de projetos. (Torales, 2013)

5. HUMANIDADE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

“O homem é um animal que vive nos mais diferentes ecossistemas, não só se adaptando a eles mas, também, sobretudo após a revolução neolítica, moldando-os

a ele, em virtude das suas necessidades histórico-culturalmente desenvolvidas.” (Gonçalves, 2000, p. 94)

Ailton Krenak, em seu livro intitulado “Ideias Para Adiar o Fim do Mundo”, publicado em 2019, faz uma crítica à noção de humanidade que fomos desenvolvendo com o passar do tempo.

“...Como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?” (Krenak, 2019, p.10).

Segundo Krenak (2019), o mundo acredita que tudo é mercadoria, vivemos reféns das grandes corporações e seu mito da sustentabilidade. As corporações, numa tentativa de corromper com a ideia de natureza, alienam o povo e nos afasta do organismo que fazemos parte, a Terra. Corroborando com uma intervenção utilitarista que visa, somente, o lucro.

Mesmo o processo de educação ambiental sofre com essa dinâmica, e após essa avalanche de projetos e iniciativas, muitos se aproveitam do real propósito para difundi-la de maneira ineficiente, excluindo o dinamismo político-pedagógico em prol de vertentes exóticas, por puro modismo. Essa vertente, inclusive, acaba por dividir os participantes mais ávidos, e acaba por coagir mais o público, pela sua visibilidade. (Reigota, 2009)

Esse desprendimento da noção de humanidade como sendo parte do todo, oculta a noção de reconhecer diferentes indivíduos e o meio que habitam, e resulta na destruição da relação sujeito/ambiente, por processos perpetuados pela violência colonial, evidenciado por uma assimetria capitalista de expansão e conquista. (Krenak, 2018)

“Os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência” (Krenak, 2019, p.32). “O fato de podermos compartilhar desse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais;...”(Krenak, 2019, p. 33).

“A Revolução Industrial reforçou a ruptura dos dogmas religiosos, a visão de natureza sagrada, enfatizando-a como algo concreto, cada vez mais um objeto a ser possuído e dominado pelo homem.” (Mariano, 2011, p. 161).

Tudo isso em prol do progresso que instituiu e semeou, cada vez mais, a ideia da natureza como mercadoria e subalterna, com a desculpa desenvolvimentista da criação e desbravamento de novas fontes de tecnologia. (Mariano, 2011)

A relação entre os seres humanos e o mundo natural acaba por ser desgastada pela maneira com que o homem se enxerga quanto aos elementos que compõem o meio ambiente, fomentando de maneira recorrente essa interação de dominação frente a espécies e a sociedade. (Coimbra, 2017)

Considerando a educação como uma educação política, podemos encontrar diversas maneiras de acessar essa prática baseada em abordagens que tomam rumos diferentes, mas visam o mesmo resultado: superação dos mecanismos de controle que impedem a participação de todos por meio de intervenções que busquem o bem comum. (Reigota, 2009)

A recuperação da humanidade se atrela à uma educação ambiental crítica porque assume uma necessidade de respeitar as individualidades de cada povo, de maneira que um ambiente plural e comunitário seja desenvolvido, um depende do outro. Diferentes meios sugerem diferentes realidades, conseqüentemente diferentes abordagens e maneiras de solucionar problemas.

As subjetividades propostas por Krenak (2019), buscam tratar o meio natural com base em um olhar ancestral, passado por diversos anos pelos povos indígenas, os quais humanizam o meio-ambiente de maneira com que tornam-se um só, um organismo vivo do qual fazemos parte, sem distinção na dinâmica interativa. Sem posse, sem dominância, com respeito à individualidade e saberes que foram perpetuados pelas gerações subseqüentes, mas que têm sido deixados de lado.

A exemplo de Reigota (2009), em seu livro “O que é Educação Ambiental”, o conceito de educação ambiental crítica tem se disseminado por grande parte de pesquisadores da área. Ao sugerir ambigüidade na caracterização de “meio-ambiente”, permite que o sujeito possa aproximá-la da sua realidade, fazendo com que a problemática ambiental, por muito tempo sujeita apenas a um caráter de conservação, possa ser vista como um caminho para que seja possível reivindicar melhorias locais aonde o indivíduo está inserido.

Como exemplo, podemos citar o trabalho de Maria Tereza Maldonado, Florestania, publicado em 2009, que apresenta, por meio de uma história fictícia,

programas e projetos de desenvolvimento sustentável na região amazônica, em sua grande parte geridos e idealizados pelos próprios moradores, resultando num aumento da qualidade de vida sem perder a essência do que seria idealmente sustentável, associando diferentes facetas, desde o caráter social, até o político e conservacional.

6. DISCUSSÃO

O caráter conservacional que é abordado em conceitos de Educação Ambiental tem grande importância, mas não podemos reduzi-la somente a isso. Para além de ações redentoras humanitárias, as quais por diversas vezes sofrem distorção midiática para aumentar sua visibilidade, ao se assumir um processo educacional, se faz necessária a estimulação de uma iniciativa crítica e reflexiva.

A mudança antes de atingir grandes escalas, deve começar ao alcance de cada indivíduo que se sujeita a reivindicar melhorias em prol do coletivo. Aproximar processos educativos da realidade de cada um é também proporcionar um maior aprendizado para compreensão dos impactos gerados pelo homem a nível global.

Das belezas que o conhecimento proporciona, também se dá o respeito pela individualidade de cada povo em se inteirar e agir sobre determinado assunto. Os povos ancestrais atribuem nomes a montanhas e riachos, atribuem subjetividade ao inanimado como maneira de resgatar dinâmicas perdidas com o passar do tempo e o desenvolvimento da tão saudada civilização.

Não estamos vivendo o Antropoceno por acaso, essa construção nos foi atribuída justamente pela perspectiva de que tudo gira ao redor do homem e está onde está para servi-lo, dessa maneira, o processo de desconstrução da dinâmica antropocêntrica começa com o reconhecimento de que a natureza também nos faz parte, e não está ali apenas para ser provedora.

De maneira geral, associar diferentes dinâmicas e fontes de conhecimento, parece um caminho plausível para o desenvolvimento de práticas ambientais. Considerando a bagagem que cada indivíduo traz, ao associar uma iniciativa com a outra, obtém-se mais embasamento para criação de iniciativas voltadas à Educação

Ambiental. O respeito à individualidade é, também, uma maneira de homenagear aos povos que tanto fizeram para manter sua essência ancestral viva.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a Educação Ambiental e sua dinâmica de ensino tem sido cada vez mais desenvolvida com o passar dos anos, e apresenta-se como uma ferramenta para que os indivíduos passem a questionar não somente sobre problemáticas de caráter ambiental, mas também político e social, ressignificando, por meio de uma abordagem sistêmica a interação dos seres humanos com o meio ambiente. Estreitando essa relação, primeiramente, com o local onde estão inseridos.

Uma das limitações do presente estudo é a ausência de trabalhos que abordem a subjetividade do educar em uma vertente que dá margem para que muitas práticas sejam consideradas na relação entre homem e natureza. Muito do que se vê aplicado hoje consiste de iniciativas de redenção dos impactos gerados, majoritariamente, pela maneira com que os meios produtivos interferiram na nossa organização e desenvolvimento como sociedade, desfigurando a noção de humanidade e do que é natureza, nos afastando de algo totalmente relacionado à nossa existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUDO, M. de M.; TOZONI-REIS, M. F. de C. A educação ambiental histórico-crítica: uma construção coletiva. *Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente*, v. 31, n. esp.1, p. 143–159, 2020. DOI: 10.32930/nuances.v31iesp.1.8293. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/8293>

AMBIENTE é o Meio. Educação Ambiental no Brasil: o professor da USP Marcos Sorrentino traz um panorama da educação ambiental no país. [Locução de: José Marcelino de Rezende Pinto, Marcelo Marini Pereira de Souza]. [Participação de: Marcos Sorrentino]. Ribeirão Preto; O Ambiente é o Meio, 1 de Agosto de 2022. Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/6LpuWkcCO8s8TwS85x0jLB?si=kZxtTjtpQPiyOsxtgp74Eg>

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. REVISÃO DA LITERATURA E REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.30681/relva.v3i2.1738. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>.

BRZEZINSKI, Maria Lúcia Navarro Lins. Desmonte do patrimônio ambiental do Brasil: uma política pública do presidente Bolsonaro. **DESMONTE DO ESTADO E RETRAÇÃO DA CIDADANIA**, 2021.

CABRAL BALIM, Ana Paula; MOTA, Luiza Rosso; OLIVEIRA DA SILVA, Maria Beatriz. Complexidade Ambiental: O Repensar Da Relacao Homem-Natureza e Seus Desafios no Sociedade Contemporanea. **Veredas do Direito**, v. 11, p. 163, 2014.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A Invenção Ecológica**. Narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação ambiental. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 03, p. 11-15, 2009.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. EDUCAÇÃO PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E AMBIENTALMENTE JUSTAS. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.], 2013. DOI: 10.14295/remea.v0i0.3387. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3387>

CASTRO, Sádía Gonçalves de. A história da educação ambiental no Brasil. 2006.

COIMBRA, D.; RECH, A. U. A SUPERAÇÃO DO ANTROPOCENTRISMO: UMA NECESSÁRIA RECONFIGURAÇÃO DA INTERFACE HOMEM-NATUREZA - DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/rfd.v41i2.42609>. Revista da Faculdade de Direito da UFG, Goiânia, v. 41, n. 2, p. 14–27, 2017. DOI: 10.5216/rfd.v41i2.42609. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revfd/article/view/42609>.

Damo, A., Schmidt, E. B., & Cartea, P. Àngel M. (2015). Para além da “comida-mercadoria”: reflexões a partir da educação ambiental crítico-transformadora
 Beyond “food as goods”: reflections based on critical-transforming environmental education. *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 32(2), 75–94. <https://doi.org/10.14295/remea.v32i2.5014>

DE OLIVEIRA, Ana Maria Soares. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 3, 2002.

DE SOUSA, Gláucia Lourenço et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Eletrônica Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, 2011.

DA SILVA MAIA, Jorge Sobral; TEIXEIRA, Lucas André. Formação de professores e educação ambiental na escola pública: contribuições da pedagogia histórico-crítica. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 15, n. 63, p. 293-305, 2015.

DOS SANTOS, Aline Gomes; PEREIRA SANTOS, Crislaine Aparecida. A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO ESCOLAR. **Revista Monografias Ambientais**, v. 15, n. 1, 2016.

FEARNSIDE, Philip M. Desmonte da legislação ambiental brasileira. **Mov. Socioambientais**, v. 317, 2019.

FISCHER, Nilton Bueno. Perplexidades, desafios e propostas na educação ambiental a partir da trajetória de um pesquisador. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 34, n. 03, p. 25-39, dez. 2009. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432009000300004&lng=pt&nrm=iso>.

FREIRE, Laísa; FIGUEIREDO, João; GUIMARÃES, Mauro. O papel dos professores/educadores ambientais e seus espaços de formação. Qual é a educação ambiental que nos emancipa?. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 11, n. 2, p. 117-125, 2016.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (des)caminhos do meio ambiente. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 148p.

GRUBBA, L. S., & PELLEZZI, M.. (2024). Educação ambiental no Brasil e reflexões sobre a Lei n. 9.795/1999. *Interações (campo Grande)*, 25(2), e2523818. <https://doi.org/10.20435/inter.v25i2.3818>

HOLMER, Sueli Amuïña. "Histórico da educação ambiental no Brasil e no mundo." (2020).

KRENAK, Ailton. Ecologia política. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 3, n. 2, 2018.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 34, n. 03, p. 17-24, dez. 2009 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432009000300003&lng=pt&nrm=iso>.

MARIANO, Zilda Fátima et al. A relação homem-natureza e os discursos ambientais. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 22, p. 158-170, 2011.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 2, 2001.

NETO, Ivo Raposo Gonçalves Cidreira; RODRIGUES, Gilberto Gonçalves. Relação homem-natureza e os limites para o desenvolvimento sustentável. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, v. 6, n. 2, p. 142-156, 2017.

Política Nacional de Educação Ambiental. Lei 9795/99. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente.

REIGOTA, Marcos. O que é Educação Ambiental? 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RUFINO, Luiz Rufino; CAMARGO, Daniel Renaud; SÁNCHEZ, Celso. Educação ambiental desde el sur: a perspectiva da terrexistência como política e poética descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 7, n. Especial, p. 1-11, 2020.

SAITO, Carlos Hiroo. Quais seriam as Questões Globais que desafiam a Educação Ambiental? Para além do modismo, uma análise sistemática e uma visão sistêmica. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], p. 4–24,

2017. DOI: 10.14295/remea.v0i0.7138. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7138>.

SORRENTINO, Marcos et al . Educação ambiental como política pública. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 31, n. 02, p. 287-299, ago. 2005 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200010&lng=pt&nrm=iso>.

STOPPA, T.; VIOTTO, T. B. ANTROPOCENTRISMO X BIOCENRISMO: Um Embate Importante. Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, v. 9, n. 17, 2014. DOI: 10.9771/rbda.v9i17.12986. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/12986>.

TORALES, Marília Andrade. A inserção da educação ambiental nos currículos escolares e o papel dos professores: da ação escolar a ação educativo-comunitária como compromisso político-ideológico. 2013.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Educação ambiental escolar, formação humana e formação de professores: articulações necessárias. **Educar em revista**, p. 145-162, 2014.

VARELLA, Marcelo Dias; LEUZINGER, Márcia Dieguez. O meio ambiente na Constituição de 1988. **Sobre vôo por alguns temas vinte anos depois. Brasília: Revista de Informação Legislativa**, 2008.